

## EDITORIAL

A crise estrutural do capital sofreu um agravamento significativo depois de 2008, quando eclodiu uma crise dentro da crise. Emergiu como “crise imobiliária nos Estados Unidos, mas logo se espalhou como “crise bancária”, que logo alcançou a Europa. A força da economia chinesa e a ação da China em defesa da estabilidade internacional contribuiu para que o terremoto fosse controlado. No entanto, o desdobramento da crise foi uma renovada ofensiva imperialista em diversas frentes, a partir o seu núcleo estadunidense. Essa ofensiva ganhou nomes de revoluções coloridas na Europa oriental e de primavera árabe no Oriente Médio. Na América Latina, quase todos os governos, não tão bem chamados de “progressistas” caíram ou recuaram.

A expansão da OTAN e o cerco progressivo à Rússia tiveram um movimento decisivo com o golpe nazista na Ucrânia, em 2014, o que representou um marco no rearranjo da disposição territorial e das forças imperiais. A guerra contra Rússia tem vários objetivos: se apossar das riquezas da Ucrânia, debilitar (ou mesmo destruir) a Rússia, criar uma ponta de lança por terra, por trás da China, debilitar a União Europeia. A virtual destruição de Estados no Oriente Médio (Somália, Sudão, Iraque, Iêmen, Líbia, Síria) visou garantir a “segurança” da entidade sionista e seu predomínio no Oriente Médio ampliado (o que alcança a própria Ucrânia).

A saída da Grã-Bretanha da União Europeia facilitou a institucionalização da aliança anglo-americana (EUA, Canadá, Grã-Bretanha, Austrália) e assim um deslocamento de forças para a Ásia, a fim de estabelecer um cerco militar contra a China e assim tornar Taiwan o epicentro de um novo ponto de um conflito global. Ucrânia, Palestina e Taiwan aparecem como os pontos mais salientes de potencial conflagração generalizada, cujo objetivo principal é barrar a ascensão da China e reverter o declínio capitalista imperialista nucleado no Ocidente setentrional.

Essa fase da crise estrutural do capital também agudiza a ofensiva contra as forças do trabalho por meio da inovação tecnológica e da retirada de direitos históricos. A pandemia da covid-19 agravou ainda mais as condições de existência das massas populares e incidiu negativamente na capacidade de resistência dos trabalhadores. A situação é ainda mais séria diante da constatação da quase ausência de forças políticas organizadas do mundo do trabalho endereçadas a transformação revolucionária do mundo atual. Quando a preocupação com os deslocamentos geopolíticos se sobrepõe à luta de classes, quando a discussão fica centrada na

ereção de um mundo multipolar para substituir a perspectiva imperial unipolar do Ocidente, o sinal é mesmo de fraqueza do projeto da emancipação humana.

A ausência de partidos revolucionários de massa dotados de um claro projeto anti-imperialista, anticapitalista, só antecipa a visão de que a crise do capital deve se agravar e arrastar a humanidade para um cenário de terror.

Nessa circunstância histórica pouco alvissareira é difícil supor como um governo de intenções reformistas, mas inteiramente atrelado a uma base de sustentação que mantém o neoliberalismo como bússola, possa induzir transformações sociais de monta.

Marcos Del Roio

Editor